

# DE MEDELLÍN A PUEBLA: UMA IGREJA EM SAÍDA

(From Medellín to Puebla: a Church that goes forth)

---

Recebido: 01/11/2019

Aprovado: 17/12/2019

## Emerson Sbardelotti

Doutorando e Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Membro do Grupo de Pesquisa LERTE (Literatura, Religião e Teologia)

E-mail: sbardelottiemerson@gmail.com

## RESUMO

Não é possível escrever sobre Medellín e Puebla sem fazer uma parada obrigatória no Concílio Ecumênico Vaticano II (Roma, 1962-1965). O Vaticano II foi o maior evento da História da Igreja Católica Apostólica Romana no século XX. A Teologia da Libertação, que nasce como genuína teologia latino-americana, se baseia na experiência do Êxodo e no projeto de vida proposto por Jesus de Nazaré e em sua radical Opção pelos Pobres. Contudo, tem nas intuições do Concílio Ecumênico Vaticano II seu elemento estruturante. A maior certeza do Documento de Medellín é que a libertação do Ressuscitado é o fundamento da educação, de todos os tipos de educação durante o processo de construção do ser humano. A profecia tão clara e evidente em Medellín ficou escondida em Puebla. Profetas são aqueles que gritam com os olhos. Uma leitura atenta do Documento de Puebla nos convida a trazer à tona a profecia. Este artigo propõe questionar as Conferências de Medellín e Puebla no tocante à proposta de Igreja em saída do Papa Francisco; contudo, não encerra o debate a respeito.

**Palavras-chave:** Medellín; Puebla; Igreja em saída.

## ABSTRACT

It is not possible to write about Medellín and Puebla without making a mandatory stop at the Second Vatican Ecumenical Council (Rome, 1962-1965). Vatican II was the largest event in the history of the Roman Apostolic Catholic Church in the twentieth century. The Liberation Theology - that is born as genuine Latin American theology - is based on the experience of the Exodus and the project of life proposed by Jesus of Nazareth and his radical Option for the Poor; however, it has in the intuitions of the Second Vatican Council its structuring element. The greatest certainty of the Medellín Document is that the liberation of the Risen One is the foundation of education, of all kinds of education, during the process of building a human being. The prophecy so clear and evident in Medellín was hidden in Puebla. Prophets are those who shout with their eyes. A close reading of the Puebla Document invites us to bring out the prophecy. This article intends to question the Conferences of Medellín and Puebla regarding the proposal of Pope Francis of a Church that goes forth; however, it does not close the debate.

**Keywords:** Medellín; Puebla; Church that goes forth.

## INTRODUÇÃO

*Teologia é uma reflexão crítica sobre a experiência cristã de Deus, do ser humano e do mundo. Portanto, teologia é retrabalhar questionando e refletindo a fé cristã.*

*Leonardo Boff*

A Teologia Latino-Americana e Caribenha é construída com e por várias mãos, com e por vários rostos; bebendo do poço da Bíblia a partir de uma leitura popular, por um lado, e de uma pesquisa acadêmica abundante e perseguida por outro; bebendo do poço do Concílio Ecumênico Vaticano II, do Pacto das Catacumbas da Igreja Servidora e Pobre, dos Mártires da Caminhada, da atualização do Vaticano II pela Conferência de Medellín e pela Opção pelos Pobres na Conferência de Puebla. Em sintonia com a Igreja em Saída sugerida e querida pelo Papa Francisco, sementes estão sendo lançadas neste chão adubado com o sangue de mulheres e homens, que, no seguimento a Jesus de Nazaré, assumem, sem medo, todos os riscos e consequências, são testemunhas fiéis do que pede o Evangelho, são herdeiros de uma pedagogia e de uma prática libertadora.

Vivemos dias de atualização, prática e refundação do Concílio Ecumênico Vaticano II ao retomarmos a profecia na vida cotidiana da Igreja, de toda a Igreja. Os novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral devem passar pelo viés da profecia. E a Amazônia, a Pan-Amazônia tem muito a ensinar ao mundo nesse quesito. E continua ensinando com o testemunho de seus mártires.

É preciso colocar em prática o pedido sempre atual de Dom Helder Camara: “*Não deixe cair a profecia!*”. Para Dom Pedro Casaldáliga, “*profeta é aquele que grita com os olhos!*”.

Não dá mais para a Igreja falar de pobres e de pobreza e esquecer o povo crucificado. Não dá mais para adjetivar a Opção pelos Pobres, diminuindo o seu alcance evangélico, e, com isso, não defender os pobres. Não dá mais para abrir mão de nossos mártires.

Uma Igreja profética não deve cometer jamais os pecados sociais da indiferença e da omissão. Podemos errar como Igreja de várias maneiras, pois somos humanos, mas nunca por sermos omissos e indiferentes à dor dos povos. É preciso lembrar sempre que quem defende a vida por causa do seguimento a Jesus de Nazaré está sendo assassinado, e o número só aumenta. A Igreja precisa retomar o seu lugar e voltar a denunciar tais crimes, pois gritam os pobres, grita a Terra!

São os mártires do século XXI: seus altares são o chão onde pisaram, onde atuaram, onde adubaram com o próprio sangue por causa da defesa dos pequeninos, dos mais fracos, dos sem voz e sem vez, por causa da ecologia integral. Eles acariciaram a carne crucificada de Cristo naqueles que defenderam. Como bem nos lembra o Papa Francisco: “*Quem acaricia os pobres, toca a carne de Cristo!*”.

Para uma Igreja ser de fato profética, ela deve ameaçar o poder instituído, que só visa ao lucro e não à vida em abundância para todos. Ela deve denunciar as mazelas e violências cometidas por pessoas que se dizem cristãs; que usam a Igreja em benefício próprio; que levam o Povo Santo de Deus a se dividir por conta das *fake news* e a pecar. Ela deve anunciar o Reino de Deus a partir do Evangelho, a partir do *aggiornamento* proposto por São João XXIII, a partir das intuições do Concílio Ecumênico Vaticano II. Assim, teremos uma Igreja

samaritana, missionária, para-com-dos Pobres. O respeito, o encontro e o diálogo devem ser as virtudes de toda pessoa que quer colocar em prática o projeto da Igreja em Saída.

## 1. VATICANO II: *AGGIORNAMENTO*, COLEGIALIDADE E DIVERSIDADE

*As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração. Com efeito, a sua comunidade se constitui de homens que, reunidos em Cristo, são dirigidos pelo Espírito Santo, na sua peregrinação para o Reino do Pai. Eles aceitaram a mensagem da salvação que deve ser proposta a todos. Portanto, a comunidade cristã se sente verdadeiramente solidária com o gênero humano e com sua história (COMPÊNDIO, 2018, p. 143-144, Gaudio et Spes).*

Não é possível escrever sobre Medellín e Puebla sem fazer uma parada obrigatória no Concílio Ecumênico Vaticano II (Roma, 1962-1965). O Vaticano II foi o maior evento da História da Igreja Católica Apostólica Romana no século XX. Não é possível descrever a utopia de uma Igreja Pobre para e com os Pobres, o sonho de uma Igreja em saída, sem adentrar nas linhas que tecem a grande colcha de retalhos do Vaticano II, do Pacto das Catacumbas (Roma, 1965), desaguando em Medellín (Colômbia, 1968) e Puebla (México, 1979), a partir de uma perspectiva libertadora no seguimento a Jesus de Nazaré. Não é possível narrar a experiência pé no chão das Comunidades Eclesiais de Base sem se agitar com o *aggiornamento* refletido e querido por São João XXIII:

O anúncio do Concílio provocou excitação e grandes indagações. Deixou perplexos os cardeais presentes, mas levantou na opinião pública mundial, católica e laica, uma imediata onda de esperança e otimismo pelo seu anunciado propósito de buscar, num mundo dilacerado por divisões políticas e religiosas, a unidade dos cristãos e, num horizonte mais amplo, a unidade de toda a família humana. A discreta e lacônica nota publicada na primeira página do jornal do Vaticano, o *Osservatore Romano*, registrava: “O Concílio ecumênico, segundo o pensamento do Santo Padre não somente tende à edificação do povo cristão, mas também quer ser um convite às comunidades separadas para a busca da unidade pela qual hoje em dia tantas almas anseiam em todos os pontos da terra” (OR, 26-27, jan. 1959, p. 1). Além do concílio em si, foi seu propósito ecumênico o que mais chamou a atenção da opinião mundial e desatou especulações. Uma palavra, “*aggiornamento*”, capturou paradoxalmente a proposta de fundo de João XXIII. Essa palavra italiana que significa “colocar-se em dia”, “atualizar-se” entrou para o vocabulário de muitas outras línguas ao redor do mundo.

Paradoxalmente, porque muita coisa em João XXIII transpirava o mundo católico tradicional. Novas eram muitas de suas atitudes, em que combinava coragem com bondade, gestos audaciosos, sob uma forma por vezes antiga e pacata. Para alguns, com o anúncio do Concílio, a Igreja Católica estava saindo da “segurança das trincheiras e baluartes, em que se fechara, para o campo aberto e para o fascínio da busca”. Outros sentiam que, com a convocação, tornava-se viva e atual a esperança do evangelho e seu otimismo. (BEOZZO, 2015, p. 55-74).

As janelas do Vaticano, antes enferrujadas e empoeiradas, abriram-se ao Sopro Divinal, ao novo Pentecostes, que colocou a barca da Igreja em direção às águas mais profundas, em direção ao Mistério. O Vaticano II não foi perfeito, não foi feito para a realidade latino-americana e caribenha, não colocou a Opção pelos Pobres como o centro dos debates e publicações, porém, foi o responsável por aproximar o discurso teológico das pessoas. Vivíamos, na América Latina e no Caribe, a influência do Concílio de Trento. O Concílio Vaticano I não tinha surtido efeito, nem de fato apresentado à maioria dos fiéis. A novidade do Concílio Vaticano II surgiu como um mar calmo, propício à navegação; para os discordantes, surgiu como um tsunâmi, trazendo tudo o que um tsunâmi acarreta. Não foram poucas as vozes contrárias ao Vaticano II, ainda estão aí, quase 60 anos depois, sonhando com uma nova cristandade medieval e engessando todo o processo de educação da fé proposto nas Constituições, Decretos e Declarações conciliares:

O Concilio realizou-se como sínodo construído na dinâmica da comunhão e da diversidade. As múltiplas realidades eclesiais, as diversas concepções teológicas e a alteridade do mundo moderno estiveram presentes nos debates e nas decisões conciliares como forças divergentes que buscavam, a todo momento, a confluência mais precisa, a expressão mais coerente com a tradição e a linguagem mais adequada para a humanidade de então. Na rota do diálogo, o Concílio se fez e sob sua regra entendeu a missão e a própria natureza da Igreja. A Igreja conciliar saiu de si mesma na direção do outro: do ser humano marcado pelo drama do bem e do mal, do mundo moderno portador de um admirável desenvolvimento e de decisões desumanas, de uma ciência que explora os mais recônditos domínios racionais e que, muitas vezes, nega os valores mais profundos da humanidade e o próprio Criador, de uma ordem política mundializada que agrega as nações e usufrui do progresso, mas que, ao mesmo tempo, convive com terríveis injustiças, com as desigualdades e com as guerras. Nesse mundo real e ambíguo, o Vaticano II colocou a Igreja como servidora da vida e da verdade, com mestra e como aprendiz. Ao encerrar o grande evento, o Papa Paulo VI dizia que o Concílio havia promovido o encontro do “Deus que se fez homem com o homem que se fez Deus”. O mundo e a Igreja são entendidos como grandezas distintas, porém relacionadas pelo mistério comum e maior do Reino de Deus que se estende desde a criação, se concretiza em Jesus Cristo e busca sua comunhão definitiva no próprio Deus, seguindo seu desígnio inefável e amoroso. A Igreja, por sua vez, não pode ser outra coisa senão a servidora do Reino no mundo e, para tanto, se mantém em atitude de discernimento permanente dos sinais dos tempos: busca de compreensão das linguagens do mundo atual, daquilo que elas oferecem de verdade e de bondade e que podem confluir com a Palavra revelada de Deus e, por fim, animadas pela mesma palavra,

transformar o mundo em Reino de Deus (PASSOS; SANCHEZ, 2015, introdução, p. XV-XVI).

A Teologia da Libertação, que nasce como genuína teologia latino-americana, se baseia na experiência do Êxodo e no projeto de vida proposto por Jesus de Nazaré e em sua radical Opção pelos Pobres. Contudo, tem nas intuições do Concílio Ecumênico Vaticano II seu elemento estruturante. O Vaticano II aponta as diretrizes que serão colocadas em prática, principalmente com a realização da Conferência de Medellín e, posteriormente, com um acento menos perceptível, da Conferência de Puebla. Todavia, a Teologia da Libertação entende a Igreja como Povo de Deus:

A compreensão da Igreja como Povo de Deus tem claramente raízes bíblicas tanto no Antigo como no Novo Testamento e na teologia patrística. (...) E, ao se admitir o Povo de Deus como uma definição eclesiológica imprescindível, haverá também consequências para as opções e práticas pastorais da Igreja. Pois nesta identificação como o povo está, sobretudo, a predileção pelos pobres que, em todos os tempos, geralmente formam o povo anônimo. Desde a antiga aliança, e confirmada na prática de Jesus, o Povo de Deus é o povo dos pobres. Mantém-se a fidelidade e pertença ao Povo de Deus, sobretudo quando se congrega os pobres em torno do projeto de Terra Prometida. A Igreja como novo Povo de Deus não pode se eximir desta missão de ser o espaço natural dos pobres e de promovê-los em direção a uma terra de liberdade (AURÉLIO, 2016, p. 108-109.137).

O Concílio Vaticano II significou uma mudança decisiva para essa configuração eclesial. Aceitou dialogar com a sociedade civil, avaliar a cultura da Modernidade, assumir alguns de seus elementos, atualizar sua pastoral pelo conhecimento do contexto real em que vivem os católicos, reconhecer a importância das Igrejas locais e a necessária inculturação da fé. O diálogo se estendeu às Igrejas nascidas da Reforma Protestante, bem como a outras religiões. A partir do Vaticano II, a Igreja procurou agir em colegialidade e não em si mesma.

## 2. MEDELLÍN: MEMÓRIA, PROFETISMO E ESPERANÇA NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE

*A pobreza da Igreja e de seus membros na América Latina deve ser sinal e compromisso. Sinal de valor inestimável do pobre aos olhos de Deus; compromisso de solidariedade com os que sofrem. (...) Devemos tornar mais aguda a consciência do dever de solidariedade para com os pobres; exigência da caridade. Esta solidariedade implica tornar nossos seus problemas e suas lutas e em saber falar por eles (CELAM, 2010, p. 198-199, Med.)*

Parafraseando as palavras de São Paulo VI, a Conferência de Medellín é o momento em que a Igreja se encontra diante da vocação da Pobreza de Cristo. A indignância da Igreja, com a

decorosa simplicidade de suas formas, é um testemunho de fidelidade ao Evangelho de Jesus de Nazaré, condição imprescindível para dar crédito a toda missão. A Conferência prestou um grande serviço de verdade e de amor, pois entendeu que era preciso construir uma sociedade nova e possível.

Silvia Scatena salienta que Medellín é um lugar de encontro entre as transformações profundas e um instrumento único ao serviço do *aggiornamento* latino-americano, marcando um antes e um depois na história das Igrejas na América Latina e Caribe e recepcionando com criatividade o Concílio Ecumênico Vaticano II. Medellín está situado na própria realidade daquele período, marcado por uma pobreza estrutural e por uma mudança social. Seu forte impacto foi a prática colegial (cf. BRIGHENTI; PASSOS, 2018, p. 71).

Acredito que, para além das imperfeições que o Documento de Medellín possa ter, ele é ousado, inovador, útil, necessário, profético e com uma bela estética evangélica, procurando colocar em prática o Pacto das Catacumbas da Igreja Servidora e Pobre. É urgente retomar esse Pacto e novamente assumi-lo, atualizando-o, na medida do possível, às novas realidades. Entendo que o Pacto é o documento, por assim dizer, que inaugura, com seus 13 compromissos, a luta de uma Igreja servidora dos pobres, empenhada na luta por justiça, dignidade, igualdade, solidariedade e paz, embasada nas Palavras dos Profetas e dos Salmos no Primeiro Testamento, principalmente na pedagogia e prática libertadora de Jesus de Nazaré. A essa práxis, chamo de Teologia da Libertação.

Na apresentação do livro Medellín: Memória, Profetismo e Esperança na América Latina (2018), os organizadores dizem que:

Três anos após o Concílio Vaticano II (1962-1965), o CELAM, preparou a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Medellín (Colômbia), de 24 de agosto a 6 de setembro de 1968. Continua valendo a preocupação e o problema de uma autêntica promoção humana em uma sociedade que a cada dia se torna mais fundamentalista, preconceituosa, racista e individualista. Neste redescobrimento do Documento de Medellín, busca-se reafirmar e reassumir a Opção pelos Pobres, o Pacto das Catacumbas da Igreja Pobre e Servidora, o método Ver-Julgar-Agir, acrescido do Rever-Celebrar-Sonhar, que, para muitas pessoas será a primeira experiência desse chamado do Espírito Santo que há cinco décadas ecoa por este chão continental semeado com o sangue dos mártires da caminhada no seguimento do Mártir Jesus de Nazaré. O Povo de Deus ainda continua andando no deserto, apesar dos ares primaveris trazidos por Francisco, o papa vindo do fim do mundo. Os bispos em Medellín desejavam uma “Igreja livre de amarras temporais, conveniências e prestígio ambíguo” (Med. 18) e que esteja “próxima dos pobres” (Med. 9). Os pobres em Medellín são tratados como “sujeitos”! Eis a novidade do documento: os pobres não são reduzidos a “objetos” de cuidado, ou de práticas assistencialistas. Entre a justiça e a paz proclamada e querida por Medellín surge a palavra “libertação”! Medellín é o documento fundante, por assim dizer, da Teologia da Libertação no continente, seguido, anos mais tarde, pelas contribuições de Gustavo Gutiérrez, Leonardo Boff e tantos outros. As intuições primeiras de Medellín já apontavam para uma Igreja em saída! Medellín é inteiramente fiel ao Vaticano II, e quer ser uma Igreja para fora, com o cheiro das ovelhas como pede o Papa Francisco (SOUZA; SBARDELOTTI, 2018, p. 19-20).

Na atual transformação que experimenta a sociedade da América Latina e Caribe, com tempos sombrios de fundamentalismos, fanatismos, avanço de setores reacionários de direita, retrocessos nas conquistas sociais, a cultura do ódio crescente na sociedade, faz-se necessária a todos nós, que estamos envolvidos nas Pastorais Sociais, nos Movimentos Sociais, em diversas associações de trabalhadores, na música, na pintura, no teatro, no cinema e na literatura, uma postura cada dia mais contundente e de resistência. 50 anos depois da Conferência de Medellín, assistimos boquiabertos a um retrocesso sociocultural no Brasil, que trará consequências irreparáveis para a manutenção do bem-estar e do bem viver. A liberdade está sendo ameaçada. Pensar tem sido um perigo. Educar e ser professor tem sido um perigo. A base de qualquer mudança, de qualquer reforma, de qualquer revolução passa sem dúvida pela educação:

A educação em todos os seus níveis deve chegar a ser criadora, enquanto deve antecipar o novo tipo de sociedade que buscamos na América Latina; deve basear seus esforços na personalização das novas gerações aprofundando a consciência de sua dignidade humana, favorecendo sua livre autodeterminação e promovendo seu sentido comunitário. Deve ser aberta ao diálogo, para se enriquecer com os valores que a juventude intui e descobre como válidos para o futuro e assim promover a compreensão dos jovens entre si e com os adultos. Isto permitirá aos jovens recolher “o melhor do exemplo e dos ensinamentos de seus pais e mestres e formar a sociedade de amanhã”. A educação deve, além disso, afirmar, com sincero apreço, as peculiaridades locais e nacionais e integrá-las na unidade pluralista do continente e do mundo. Finalmente, deve capacitar as novas gerações para a mudança permanente e orgânica que o desenvolvimento supõe. Esta é a educação libertadora de que a América Latina necessita para redimir-se das servidões injustas e, antes de tudo, do seu próprio egoísmo. Esta é a educação reclamada por nosso desenvolvimento integral (CELAM, 2010, p. 88-89).

A maior certeza do Documento de Medellín é que a libertação do Ressuscitado é o fundamento da educação, de todos os tipos de educação durante o processo de construção do ser humano. Na herança do Concílio Vaticano II, os bispos da América Latina e Caribe, naquele momento histórico, entenderam que a Igreja e sua ação evangelizadora teriam que testemunhar a práxis de Jesus, “que sendo rico se fez pobre para nos enriquecer com sua pobreza” (2Cor 8,9); entenderam que a pobreza da Igreja deveria sinalizar o valor que os pobres possuem aos olhos de Deus, da mesma forma a solidariedade, a misericórdia e o compromisso com os que sofrem. 50 anos depois, é urgente retomar essa iluminada intuição.

Gustavo Gutiérrez (2006, p. 286-287) lembra-nos de que os últimos serão os primeiros quando afirma:

Em Medellín, fundamentando a solidariedade com os pobres e oprimidos, apresentou-se uma reflexão bíblica e teológica enraizada na distinção de três sentidos da pobreza: a pobreza real, ou material; a pobreza espiritual; e a pobreza como compromisso. Assim, iniciava-se um processo que levaria as comunidades cristãs e os textos do magistério latino-americano a aprofundar uma perspectiva que constitui hoje uma autêntica tradição no continente. Os pobres reais ou materiais dos quais fala Medellín vivem num estado escandaloso e injusto, que atenta contra a dignidade humana e é contrário à vontade de vida de Deus, “um mal”, “fruto da injustiça e do pecado”

(Medellín, Pobreza 4a). O pobre espiritual, ao qual se refere a segunda acepção de Medellín, é o fiel que a Bíblia chama, também, de “criança espiritual”, ao discípulo de Jesus. São metáforas para falar dos fiéis que colocam sua vida nas mãos de Deus e assumem uma “atitude de abertura a Deus, [de] disponibilidade de quem tudo espera no Senhor”. Compromisso, opção que não se deve esquecer, tem dois aspectos: solidariedade com os pobres e protesto contra a pobreza como situação desumana. Por isso Medellín vai dizer que se trata de fazer nossa a condição do pobre “para dar testemunho contra o mal que ela [a pobreza] representa”. Sem essa dupla dimensão do compromisso (solidariedade e rejeição) não é possível entender o sentido que se deve dar ao termo opção na formulação que conhecemos.

Medellín sugeriu a transformação das estruturas sociopolíticas e econômicas. Com esse posicionamento, a prática da Igreja, sua pregação e sua teologia se voltaram para a justiça social. Ao fazer memória da pedagogia e da prática libertadora de Jesus de Nazaré, atualizou a mensagem de profetismo e esperança para todo o continente, submetido a uma maldita e sangrenta ditadura militar (que muitas pessoas, hoje em dia, desejam que retorne). As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) foram protagonistas no processo de educação da fé, pois souberam estar próximas do povo, falando sua mesma linguagem e fazendo uma teologia da libertação de toda e qualquer pobreza. As CEBs, movimentadas por leigos, fazendo valer o Documento de Medellín, colocavam e colocam na prática a participação de todos, como membros da Igreja, na tríplice função profética, sacerdotal e real de Jesus de Nazaré. Elas constroem a História, pois se comprometem, profundamente, com o serviço ordenado por Deus, também com a busca pela solidariedade cada dia mais humana, em prol do respeito, do encontro e do diálogo. Medellín sugere diálogo, sempre mais aberto e dinâmico, dentro e fora da Igreja, atendendo ao pedido do Papa Francisco de uma Igreja em saída:

uma Igreja com as portas abertas. (...) Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa em um emaranhado de obsessões e procedimentos (EG 5; 46; 49).

### **3. PUEBLA: IGREJA NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE – OPÇÃO PELOS POBRES, LIBERTAÇÃO E RESISTÊNCIA**

*Na Igreja da América Latina, nem todos nós temos comprometido bastante com os pobres; nem sempre nos preocupamos com eles nem somos com eles solidários. O serviço do pobre exige, de fato, uma conversão e purificação constante, em todos os cristãos, para conseguir-se uma identificação cada dia mais plena com Cristo pobre e com os pobres (CELAM, 2009, p. 326, Puebla).*

A III Conferência do Episcopado Latino-Americano foi decidida e anunciada em dezembro de 1976, durante a XV Assembleia Ordinária do CELAM em Porto Rico. São Paulo VI determinou o tema, o local e a data da Conferência: *Evangelização no presente e no*



*futuro da América Latina*; Puebla de Los Angeles, México; de 12 a 28 de outubro de 1978, quando se completariam os dez anos da realização da Conferência de Medellín. Com as mortes de São Paulo VI e do Papa João Paulo I, a Conferência e outros eventos da Igreja foram cancelados. São João Paulo II, o novo papa, confirmou a III Conferência para Puebla entre os dias 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979.

Em Puebla, os bispos reassumiam a clara e profética Opção pelos Pobres (EMERSSON, 2018, p. 142-143;162;166) feita em Medellín, porém sem a sua radicalidade. Reconheciam a necessidade sempre atual de uma conversão de toda a Igreja, no intuito de uma integral libertação. Teologicamente, a Opção pelos Pobres aparece nos textos bíblicos do Primeiro e do Segundo Testamento, espalhada por várias perícopes<sup>1</sup>. Fica claro, nas perícopes, que o Deus do Israel bíblico e de Jesus de Nazaré é o Deus dos pobres, não é o deus do poder dominante! Não é possível conhecer Deus negligenciando a dor alheia. Portanto, para se chegar a Deus, é de suma importância ir ao encontro dos expurgados do sistema; essa é a condição de possibilidade para conhecer Deus. Onde está o pobre também está Deus. Deus está sempre presente na História do seu povo para salvá-lo. Ele é o Deus dos pobres que não tolera a opressão, que não tolera a injustiça. Só faz uma verdadeira e efetiva opção pelos pobres quem luta contra a pobreza, que se configura em pecado social. É por causa do compromisso com a libertação que a Igreja na América Latina e no Caribe conheceu a difamação, a perseguição (por boa parte de bispos conservadores), a tortura de muitos dos seus membros. Possui uma lista enorme de mártires entre os bispos, como São Oscar Romero e Enrique Angelelli, entre os sacerdotes, religiosos e leigos. Puebla, ao colocar o acento no aspecto cultural, enfraqueceu a opção pela libertação dos pobres.

Para Jon Sobrino, três coisas continuam impactando pelo que diz e pelo que não diz Puebla: 1. Fala de pobres e da pobreza, mas não fala do povo crucificado. 2. Fala da opção pelos pobres, mas não de defendê-los. 3. Fala das idolatrias concretas, mas não se mencionam seriamente os mártires que elas produzem (SOUZA; SBARDELOTTI, 2019, p. 11).

Qual é o rosto do povo crucificado? É o rosto de todos aqueles que insistem em seguir Jesus a partir das vítimas do sistema global e excludente.

Conforme José Antonio Pagola (2019, p. 113-119), para seguir Jesus a partir das vítimas, é preciso romper com a cultura da indiferença; é preciso pensar a partir do sofrimento das vítimas; é preciso fazer um lugar em nossa vida para os marginalizados e excluídos; é preciso reavivar a indignação profética; é preciso estimular a solidariedade global.

Não defender os pobres é descartar a Palavra de Deus da própria vida.

---

<sup>1</sup> 1 Ex 3,7-9: “Iahweh disse: ‘Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel. (...) Agora, o grito dos israelitas chegou até mim, e também vejo a opressão com que os egípcios estão oprimindo’”. Sl 82,2-4: “Até quando julgareis falsamente, sustentando a causa dos ímpios? Protegei o fraco e o órfão, fazei justiça ao pobre e ao necessitado, libertai o fraco e o indigente, livrai-os da mão dos ímpios!”. Lc 4,16-21: “Ele foi a Nazaré, onde fora criado, e, segundo seu costume, entrou em dia de sábado na sinagoga e levantou-se para fazer a leitura. Foi lhe entregue o livro do profeta Isaías; desenrolou-o, encontrando o lugar onde está escrito: *O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos, e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor*. Enrolou o livro, entregou-o ao servente e sentou-se. Todos na sinagoga olhavam-no, atentos. Então começou a dizer-lhes: “Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura”.

Segundo Maria Cecília Domezi (2014, p. 76-77):

Em Puebla essa opção ficou adjetivada. Os bispos a formularam como uma “opção preferencial pelos pobres”, que “não supõe exclusão de ninguém, mas pelo contrário, uma preferência e aproximação do pobre” (DP 733); “preferência pela evangelização e serviço aos pobres” (DP 707); “compromisso preferencial pelos pobres” (DP 769); “preocupação preferencial em defender e promover os direitos dos pobres, marginalizados e oprimidos” (DP 1217); “amor preferencial” e “solicitude para com os pobres e necessitados” (DP 382). Esses adjetivos faziam desviar-se o olhar do substantivo (a realidade) e do verbo (a ação) tirando a força da opção primeira, a de Medellín. Opção pelos pobres soava como luta de classes, e esta era referida à matriz marxista, com todos os medos agregados, como o do ateísmo materialista, da perseguição religiosa, da supressão da liberdade, da perda das propriedades privadas. Um segmento do episcopado empenhava-se em fazer com que a Conferência de Puebla se desviasse do programa daquela de Medellín. Em Puebla perde força a insistência numa Igreja pobre e inserida no meio dos pobres, passando a ênfase para uma Igreja que se quer fazer a voz dos pobres, mesmo com os riscos que isso implica (cf. DP 1094). A tendência é espiritualizar a opção preferencial pelos pobres, orientando-a para o anúncio de Cristo Salvador, aquele que vai iluminar os pobres acerca da sua dignidade, ajudá-los em seus esforços de libertar-se de todas as carências e levá-los à comunhão com o Pai e os irmãos, mediante a vivência da pobreza evangélica.

De fato, a opção é pelos pobres e contra a sua pobreza, a partir do ponto de vista dos pobres. Para Leonardo Boff e Luigi Zoja (2016, p. 50):

O contrário da pobreza não é a riqueza, mas a justiça. A pobreza é uma forma de opressão, e contribuir com ela é um pecado. Essa era a posição da igreja latino-americana e das comunidades de base, que lutavam pelo respeito aos direitos humanos fundamentais. E o primeiro é o direito à vida; o segundo é o direito aos meios de subsistência: alimentação, trabalho, moradia e saúde. Em contraste com a visão geral, que põe todos os direitos no mesmo plano, para nós havia prioridades, pois vivíamos em situações extremas. Procurávamos despertar nos pobres a consciência da própria opressão. O teólogo da libertação se acha radicado no mundo, vê a injustiça e a miséria, e reage com a indignação cristã. Pois esta, em certos casos é sacrossanta.

No período que separa a Conferência de Medellín da Conferência de Puebla, a América Latina e o Caribe sofreram uma cruel e sangrenta ditadura militar, quando lideranças leigas e religiosas foram assassinadas por não concordarem com o direcionamento que os governos militares impunham aos seus governados. Os mártires da caminhada latino-americana e caribenha são aqueles que deram ou dão suas vidas nesta Nossa América, pelas causas da vida. São testemunhas do Mártir Primeiro: Jesus de Nazaré. É a memória subversiva de Jesus de Nazaré, tornada alimento forte da espiritualidade dos povos do continente, que fará jorrar mártires de todos os cantos e de muitas comunidades, assumindo as Causas e os conflitos do Reino e indo até a morte.

D. Pedro Casaldáliga, em sua *Carta Aberta aos Nossos Mártires* retrata muito bem este sentimento:

Escrevemos a todos vocês, mulheres e homens, que deram a vida pela Vida ao longo da nossa América, nas ruas e nas montanhas, nas oficinas e nos campos, nas escolas e nas igrejas, sob a noite ou à luz do sol. Por vocês, sobretudo, Nossa América é o Continente da morte com esperança. (...) cremos que enquanto houver martírio, haverá credibilidade, enquanto houver martírio, haverá esperança. Vocês lavaram as vestes de seus compromissos no sangue do cordeiro. E seu sangue no sangue d'Ele continua a lavar também nossos sonhos, nossas fragilidades e nossos fracassos. Enquanto houver martírio, haverá conversão, enquanto houver martírio, haverá eficácia. O grão de milho morrendo se multiplica. (...) Vocês sabem perdoar, mas querem viver. Não permitiremos que se apague o grito supremo de seu amor. Não deixaremos que seu sangue seja infecundo. (...) Assumiremos suas vidas e suas mortes assumindo suas causas. Essas causas concretas pelas quais vocês deram a vida e a morte. Essas causas, tão divinas e tão humanas, que desdobram em conjuntura histórica e em caridade eficaz a causa maior do Reino, pela qual deu a vida e a morte e pela qual ressuscitou o Primogênito dentre os mortos, Jesus de Nazaré o Crucificado-Ressuscitado para sempre. Recordaremos vocês, um por um, uma por uma, e se não dizemos agora nenhum de seus claros nomes, é para dizermos vocês, todos e todas, num só golpe de voz, de amor e de compromisso: Nossos mártires! Mulheres, homens, crianças, anciãos, indígenas, lavradores, operários, estudantes, mães de família, advogados, professores/as, prefeitos/as, militantes e agentes de pastoral, artistas e comunicadores/as, pastores, sacerdotes, catequistas, bispos... (...) “Longe de nós nos gloriarmos não sendo na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo” e em suas cruzes, irmãs de Sua cruz! Com Ele e com vocês seguiremos cantando a Libertação. Por Ele e por vocês saberemos jubilosamente que ressuscitaremos “mesmo nos custando a vida” (OFÍCIO DOS MÁRTIRES, 2004, p. 10-13).

A profecia, tão clara e evidente em Medellín, ficou escondida em Puebla. Profetas são aqueles que gritam com os olhos.

Quarenta anos depois, uma leitura atenta do Documento de Puebla nos convida a trazer à tona a profecia. Não deixar a profecia cair foi o pedido feito por D. Hélder Câmara ao monge Marcelo Barros. Para nós, deve soar como um mantra rezado, meditado, experimentado e colocado em prática todos os dias de nossas vidas.

Mártires e profetas são movidos pelo Evangelho e se sacrificam para serem fiéis à missão que Deus lhes concedeu. Mártires não são essa ou aquela pessoa, mas todo o povo crucificado. Jesus de Nazaré morreu numa cruz para que ninguém mais fosse crucificado.

Desde Medellín, teólogos da libertação sempre usaram e usam o termo libertação em vez de liberdade. Naquele momento histórico da Igreja na América Latina e Caribe, a opressão exercida pelos governos militares era muito forte e esmagadora. A liberdade estava aprisionada. Hoje, assistimos boquiabertos à tomada de poder, em muitos países, pela extrema direita com requintes de neonazifascismo. Libertação implica ação.

Segundo Ney de Souza e Emerson Sbardelotti (2019, p. 80):

Na atualidade são mais fortes ainda as feições de crianças, jovens, indígenas, camponeses, operários, subempregados, desempregados, marginalizados e anciãos (DP 31-39) e outros grupos que clamam por dignidade e libertação de uma estrutura corrupta com ausência total de ética e que por vezes a religião abençoa. O desafio atual “é responder adequadamente à sede de Deus de muitas pessoas, para que não tenham de ir apagá-la com propostas alienantes ou com um Jesus Cristo sem carne e sem compromisso com o outro” (FRANCISCO, 2013, n. 89). Os desafios continuam para aqueles que querem seguir e testemunhar Jesus de Nazaré na América Latina e no Caribe do século XXI.

A Opção pelos Pobres é o princípio animador de toda a caminhada 40 anos depois. Continua valendo o lema *Evangelização no presente e no futuro da América Latina?*

## CONCLUSÃO

Os Documentos de Medellín e de Puebla apontam para o que o Papa Francisco (2013, p. 21-22; 43) chama de uma Igreja em saída:

A Igreja “em saída” é a comunidade dos discípulos missionários que “primeireiam”, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam. (...) Tomam a iniciativa! (...) Ousemos um pouco mais no tomar a iniciativa! (...) Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranqüilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta.

A Igreja em saída que o Papa Francisco propõe já foi dito por Medellín e Puebla para os nossos dias. É um retrato fiel, pois, novamente, traz à tona a proposta do Concílio Ecumênico Vaticano II de abrir suas portas e janelas para o hoje de nossa história e de nossa realidade. Francisco está recolocando o Vaticano II na pauta do dia, está conclamando toda a Igreja a ser misericordiosa e missionária. Não podemos deixar que esse momento fértil passe, não podemos perder, como diziam os antigos, o bonde da história, talvez, não tenhamos mais outra chance de nos colocarmos definitivamente no seguimento de Jesus de Nazaré, praticando suas palavras e tornando palpáveis suas ações.

As tarefas inacabadas de Medellín e Puebla oferecem um campo novo de trabalho pastoral e resistência social. A constatação não é das melhores: aumentaram os pobres e a pobreza em todo o continente latino-americano e caribenho; diminuíram os profetas; diminuíram os investimentos em educação, em saúde, em moradia, em saneamento básico; não há vontade política para colocar em prática políticas públicas que beneficiem as populações desfavorecidas.

A Teologia é intimada a dar uma resposta concreta para esse quadro que está sendo pintado à sua frente. A omissão é um pecado que não lhe cabe, nem hoje, nem amanhã, nem nunca. Buscar saídas a partir das iniciativas propostas por Medellín e Puebla é um caminho que não deve ser ignorado, pelo contrário, as atualizações devem ser feitas para que um novo ser humano possa surgir de todo esse percurso. A defesa da vida está em primeiro lugar, de toda a vida existente no planeta.

A Igreja deve ser a advogada e a protetora de todos os que defendem a vida e assumem todas as consequências por isso, inclusive a morte! Nesse ponto, lembro-me de uma frase dita pelo mártir Padre Gabriel Maire, em 1989, poucos dias antes de ser assassinado e que nos recorda o que é ser uma Igreja comprometida com o povo: *“Prefiro morrer pela vida, do que viver pela morte!”*.

Um novo Pacto das Catacumbas pela Casa Comum foi escrito ao final do Sínodo, nas Catacumbas de Santa Domitila, em Roma, no último dia 20 de outubro de 2019. Penso que esse Pacto possa mostrar que o novo homem deve favorecer a nova consciência ecológica. Não haverá saída para nós, para a natureza, para a Terra, se não mudarmos nossas atitudes e hábitos. É urgente defendermos o Planeta Terra e todos os seres vivos. Não haverá uma nova Arca de Noé. A mudança tem que começar agora! Ou salvamos todos ou pereceremos todos.

Chegou o tempo, chegou a hora de realizarmos as mudanças que estão sendo propostas pelo Papa Francisco, sem medo de avançarmos para águas mais profundas.

Na Conferência de Medellín, a Opção pelos Pobres se tornou a opção de toda uma história da Igreja na América Latina e no Caribe, pois Medellín foi mais avançado que o Vaticano II. O resultado dessa ousadia profética: há medo do Vaticano II e há medo de Medellín. Há o medo de assumir as causas do Reino nas causas da vida.

Refundar Medellín e Puebla tantas décadas depois, numa conjuntura de fanatismo e fundamentalismo religioso, de violências, de práticas racistas, de discriminações em relação a tudo o que é diferente do estabelecido, é algo urgente e necessário. A Igreja deve retomar o profetismo presente em ambas as Conferências para, de fato, ser uma Igreja em saída, como pede o Papa Francisco. Colocar em prática tudo o que está sendo sugerido pelo Papa Francisco pode parecer loucura no princípio. Porém, não é impossível, pois as motivações profundas desse Pontífice estão enraizadas no Evangelho. E se somos herdeiros de Jesus de Nazaré, precisamos colocar em prática o que Ele nos pede: que haja vida e vida em abundância.

Paulo Suess, especialista no Sínodo para a Amazônia, fez esta linda oração que nos coloca em sintonia com a Igreja em Saída que o Papa Francisco deseja e quer e que começa a tomar um rosto a partir das decisões do Sínodo para a Amazônia:

Senhora da Amazônia,  
Terra invadida,  
Cobiçada e sofrida.  
Rogai por nós!  
Mãe dolorosa  
Das mães que choram  
Seus filhos assassinados.  
Rogai por nós!  
Profetisa da esperança:  
Sua fé, sem vingança,  
Os tronos derrubou.  
Rogai por nós!  
Maria Assunta à Terra sem Males,  
Encarnada nessa Amazônia,  
Bela como criança recém-nascida.  
Rogai por nós!

## **BIBLIOGRAFIA**

AURÉLIO, Marlos. *A Igreja do Papa Francisco à luz do Vaticano II*. Aparecida: Editora Santuário, 2016.

BEOZZO, José Oscar. Concílio Vaticano II: continuidades e singularidades. *Revista Contemplação*, Marília, v. 11, Edição Especial, p. 55-74, 2015.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 6.impr. São Paulo: Paulus, 2010.

BOFF, Leonardo; ZOJA, Luigi. *Memórias inquietas e persistentes de L. Boff: traços autobiográficos*. Palhoça: Editora Unisul; São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2016.

BRIGHENTI, Agenor; PASSOS, João Décio. (Orgs.). *Compêndio das Conferências dos Bispos da América Latina e Caribe*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2018.

CELAM. *Conclusões da Conferência de Medellín – 1968: texto Oficial – Trinta anos depois, Medellín é ainda atual?*. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

\_\_\_\_\_. *Conclusões da Conferência de Puebla: evangelização no presente e no futuro da América Latina*. 14.ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

COMPÊNDIO do Vaticano II: Constituições, decretos, declarações. 3.reimp. Petrópolis: Vozes, 2018.

DOMEZI, Maria Cecília. *O Concílio Vaticano II e os Pobres*. São Paulo: Paulus, 2014.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium – a alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013.

GUTIÉRREZ, Gustavo. A Opção Profética de uma Igreja. In: SOTER; AMERÍNDIA (orgs). *Caminhos da Igreja na América Latina e no Caribe: novos desafios*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 286-287.

OFÍCIO DOS MÁRTIRES da caminhada Latino-Americana. São Paulo: Paulus, 2004.

PAGOLA, José Antonio. *Recuperar o projeto de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 2019.

PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2015.

SBARDELOTTI, Emerson. *A Opção pelos Pobres na Poesia de Patativa do Assaré*. São Paulo: Fonte Editorial, 2018.

SOUZA, Ney de; SBARDELOTTI, Emerson. (Orgs.). *Medellín: Memória, Profetismo e Esperança na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2018.

\_\_\_\_\_ (Orgs.). *Puebla: Igreja na América Latina e no Caribe – Opção pelos Pobres, Libertação e Resistência*. Petrópolis: Vozes, 2019.